

# *mbientes de Desenvolvimento de Crianças Pré-escolares\**

Pesquisadora: Maria Aparecida Trevisan Zamberlan  
Instituição: Universidade Estadual de Londrina (UEL)  
Fontes Financiadoras: CNPq e UEL

## Introdução

Em relato de pesquisa desenvolvida com uma população urbana de Paranoá — Brasília-DF, Ferreira (1993) salienta a escassez

\* Agradecimentos às bolsistas: Renata Grossi, Vanessa Alesandra Thomaz, Cynthia Borges de Moura, Maristela Aparecida Boldo e Áurea Emi Ota, que trabalharam na coleta de dados desta pesquisa.

de trabalhos que investiguem o processo de socialização da criança em seu ambiente natural, familiar e comunitário, para uma melhor compreensão de como os diferentes aspectos desses contextos afetam a criança em desenvolvimento e são por ela afetados. A autora levanta a questão de que muitas famílias de baixa renda não têm acesso aos programas oficiais voltados ao atendimento de seus filhos menores (creches e pré-escolas), seja por desconhecimento seja porque há critérios que privilegiem esse atendimento apenas no caso de mães que trabalhem fora do lar. Esses fatos levam a que, muitas vezes, essas famílias busquem outros recursos de cuidados, como os de deixar as crianças com avós, outros parentes, vizinhos ou sob cuidados de seus irmãos mais velhos.

Quanto à importância de se ter um agente estável de cuidados para as crianças (Bowlby, 1951), os autores têm encarado a questão da ausência materna ora como facilitadora e ampliadora de outros contatos ora como promotora da independência da criança (Chase-

Lansdale, Mott, Brooks-Gunn e Phillips, 1991; McCartney, Galanopoulos, 1988; Gunther, 1989), porém todos eles têm reconhecido seu papel fundamental como intermediador de experiências à prole, e o foco tem sido posto nesse processo de intermediação.

Esta pesquisa teve por objetivo descrever aspectos dos ambientes em que vivem 75 famílias de baixa renda, habitantes de bairros da periferia da cidade de Londrina, com filhos de 3 a 6 anos de idade, caracterizando as dimensões desses ambientes físicos e interacionais, que pudessem afetar o desenvolvimento dos infantes.

### **Dados coletados**

O trabalho teve como foco populações residentes em três bairros periféricos adjacentes (Jardim Sabará, Jardim Avelino Vieira e Jardim Novo Bandeirantes), com características similares quanto à concentração de faixas de renda das famílias (um a cinco salários mínimos) e predominância de níveis educacionais primários. Indicadores demográficos

e condições de vida foram levantados, abrangendo: níveis educacional e profissional dos pais, renda familiar, agentes que contribuem para a composição da renda, número de pessoas na família (adultos e crianças), gastos principais da família, agente principal de cuidados (idade, turno em que fica com a criança, número de horas que dispense em cuidados, substitutos do agente de cuidado); divisão de tarefas na família, papéis dos pais e irmãos; descrição de rotinas familiares.

As famílias são predominantemente nucleares (pais e dois a três filhos, em média); o *status* profissional mais abrangente é o de comerciarlo; os pais são, predominantemente, os responsáveis pela composição da renda; os gastos principais das famílias estão prioritariamente voltados para alimentação, higiene, saúde, educação; a maioria está pagando a casa própria (financiamentos SFH); poucos possuem outros bens; há utilidades domésticas; rotinas e divisão de tarefas na casa estão relacionadas a graus de instrução e salários; não há atividades de lazer, com exce-

ção de ir à igreja ou visitas a parentes. Além de dados demográficos, obtidos mediante levantamento socioeconômico, foram realizadas observações *in loco*. Quanto aos aspectos do ambiente físico, todas as casas são térreas; 80% delas são de alvenaria com quatro a cinco cômodos (até 67 m<sup>2</sup>); apenas 11% partilham a casa com outrem, geralmente há quintal e a rua não é movimentada ou perigosa. As crianças brincam, preferentemente, dentro de casa ou no quintal. Há alguns brinquedos industrializados, tipificados ao sexo das crianças, como: bonecas, carrinhos, bola e também jogos. Utensílios domésticos e alguns objetos como: tampa, pregador de roupa, também servem de brinquedo. Os objetos de estimulação presentes no ambiente envolvem alguns livros e livros de histórias infantis (em menor proporção); as crianças saem de casa com seus pais; brincam, preferentemente, com parentes e vizinhos; mudaram de casa uma ou duas vezes, desde que nasceram; vêem televisão (ou desenvolvem outras atividades). Não há um espaço privativo onde

as crianças durmam (mais pessoas compartilham o quarto) e alguns dormem no chão (sobre colchonetes), em rede ou em sofá na sala.

### **Análise dos dados**

Esta pesquisa, como as anteriormente citadas, aponta a vantagem de se investigar aspectos ambientais macro e microcontextuais de famílias de baixa renda, que possam afetar o desenvolvimento de crianças de 3 a 6 anos, usando-se uma variedade de fontes de informação.

Foram analisadas as características do ambiente em termos de estimulação e variedade de oportunidades oferecidas e a natureza das interações sociais que são estabelecidas entre os membros da família.

O enfoque descritivo dos ambientes em que vivem as famílias tornou metodologicamente possível ao pesquisador observar esse segmento na sua própria ecologia, identificando variáveis determinantes do viver e do relacionar-se nesses meios.

Tomando para análise os grupos de dados coletados nessa realidade (bairros periféricos urbanos da cidade de Londrina), pode-se concluir, no geral, como o fizeram Siqueira et al. (1993), que mudanças ambientais, seja em aspectos organizacionais ou físicos, estão limitadas às condições financeiras das famílias. Embora a população (56 das famílias investigadas), no geral, se caracterize por uma renda mensal em que predominam ganhos de três a cinco salários mínimos, com escolaridade dos pais maciçamente de primeiro grau e ocupações profissionais principalmente do setor primário, há entre ela um grande número de famílias numerosas (com número superior a dois adultos e a quatro crianças, morando juntos) e com rendas ainda mais baixas (14 famílias percebem ganhos de um a dois salários mínimos). Ocasionalmente, a renda aferida pelos pais é complementada pela resultante de trabalho remunerado de filhos ou filhas mais velhos, porém os pais (algumas vezes também os avós) são os responsáveis diretos pelo sustento da sua prole.

As famílias são nucleares, estruturadas, completas, e habitam casa própria financiada, composta de três a cinco cômodos e, em geral, habitam a casa, de quatro a dez pessoas. O fato de essa população ter sua vida organizada o suficiente para ter sua casa própria e a inserção do(s) pai(s) no mercado de trabalho, ocupando profissões assalariadas, na maioria, não indica condições socioeconômicas favoráveis ao desenvolvimento. Na verdade, as condições de estimulação nesses ambientes (ausência de livros, revistas, brinquedos) são muito afetadas, visto que a maior parte da renda das famílias é consumida com alimentação, pagamento da moradia e alguns gastos relativos à saúde. Não há oportunidade de lazer e passeios, sendo freqüentes apenas o ir à igreja e a visita aos parentes próximos.

Residências pequenas, onde convive uma família numerosa e com poucos recursos, geralmente sem espaço privado à realização de atividades, quer pelos adultos, quer pelas crianças, podem-se constituir condições de privação de estimu-

lação adequada ao desenvolvimento, além de poder causar um estresse acima do normal, se tais condições, além de desvantajosas, forem disputadas por um grande número de pessoas, como é o caso da divisão da moradia com outra família, por questões de ordem econômica (oito casos constatados na população de 75 famílias amostradas).

Níveis educacional e profissional muito baixos dos pais também limitam suas condições de informação e de provimento de experiências lúdicas, de aprendizagem e de estimulação lingüísticas às crianças. Em decorrência, muitos pais precisam ser informados sobre suas funções e papéis na família, suas funções sociais como adultos e suas relações conjugais e externas, às quais, quando extremamente limitadas, prejudicam seus inter-relacionamentos, interferindo diretamente no desenvolvimento socioemocional e cognitivo dos filhos. Ainda, em face da desinformação, muitos pais não sabem como fornecer "estimulação adequada ao desenvolvimento" de seus filhos, não os provendo de for-

ma excessiva e limitando-os ao contexto de relações próximas, sob a alegação de medo de rapto de crianças e esquiva a perigos ou à adição a drogas. Há casos em que se evidenciam baixos níveis de interação e estimulação, as crianças são deixadas sozinhas ou cuidadas por pessoas que lhes dispensam pouca atenção.

Com relação à figura do agente de cuidados — onde a mãe, em nossa cultura, é geralmente considerada o agente mais diretamente envolvido com a criança —, a pesquisa confirma que em 80% dos casos são elas as responsáveis pela educação e cuidados. Há pequenas variações na amostra, com relação às faixas salariais, sendo que nos casos de algumas mães de mais baixa renda que trabalham como diaristas, no centro da cidade, seus filhos geralmente ficam sob os cuidados das avós, de filhos mais velhos, em creche (em pequena proporção) ou mesmo sozinhos.

Com referência aos dados desta pesquisa, mais de 80% das crianças focalizadas são o primeiro ou o filho caçula (40% e 42%,

respectivamente) e todas elas 130 têm irmãos distribuídos por várias faixas de idade, mas com concentração na distribuição etária de poucos meses (menos de um ano) e, principalmente, até a idade de 10 anos. Há caso de o irmão mais velho já estar casado e a criança situar-se na família como se fosse filho único. Alguns irmãos na faixa de até 10 anos cuidam da criança-foco, de menor idade. Há que se observar que as famílias são, em maioria, constituídas por casais jovens (distribuídos nas faixas etárias de 21 a 30 e de 31 a 40 anos).

### **Conclusões**

Com respeito aos dados gerais obtidos, é possível se chegar a algumas conclusões:

— Ambientes físicos e sociais restritos, com referência à provisão de alimentação, condições adequadas de moradia e higiene e baixos níveis educacional e profissional dos pais, tendem a se associar com baixos graus de estimulação e de envolvimento, o que foi constatado na amostra geral de famílias

de baixa renda investigadas (75) e nos casos detectados de alto risco (seis dentre os sete casos dessa amostra).

— As famílias diferenciam-se em suas relações, além do nível socioeconômico e do número de pessoas (aspectos demográficos), relações interpessoais intrafamiliares marcam a identidade de cada ambiente familiar.

— Comparativamente, aos papéis do pai e da mãe — como agente de cuidados e seu nível de participação na educação da criança —, muito embora as mães sejam, na maioria (80% delas), as responsáveis pelos cuidados, isto nem sempre significa que desempenhem papel mais importante com referência à ligação e ao envolvimento emocional com os filhos.

— No que tange a valores, tais famílias podem ser caracterizadas como tradicionais; há preocupações manifestas com os cuidados à criança, embora, muitas vezes, os pais não disponham de tempo para prover situações de estimulação para isso.

— Dada à variabilidade e à singularidade das relações dentro de

cada família, o "arranjo de fatores potenciais de risco" é diferencial e, em um ou outro caso, não abrange componentes de envolvimento afetivo e responsividade dos pais.

— Quanto às práticas psicossociais de cuidados no ambiente familiar: a) não há clara diferenciação de atitudes e níveis de envolvimento parental, particularmente no que tange à responsividade e ao envolvimento emocional materno com referência ao sexo das crianças; b) há pequenas variações (não significativas) com relação ao tratamento de crianças de diferentes idades (de 2 anos e meio a 5 anos e meio de idade); c) em geral, mães de camadas sociais baixas respondem a (controlam, disciplinam) mais do que promovem interações com suas crianças pré-escolares.

Adicionalmente, é possível concluir, com respeito ao enfoque metodológico do estudo que:

— Observações domiciliares permitem levantar dados que suplementam informações importantes aos instrumentos de pesquisa (inventário, entrevista) e confi-

guras uma contextualização mais ampla da situação investigada;

— O enfoque sistêmico e relacional permite ampliar a visão do pesquisador, habituado a "recortar" a realidade, enfocando-a linearmente e de forma segmentada, mostrando-lhe, muitas vezes, mais relações do que as hipoteticamente previstas; esse enfoque é uma forma de redimensionar o papel do pesquisador na interação com o seu objeto de estudo.

— É válido e necessário operacionalizar certas dimensões à observação direta, ao nível micro-analítico; contudo, numa análise dessas realidades, é preciso contextualizadas em relações mais globais, as quais, muitas vezes, são interpretativas e inferenciais. Estas questões remetem à análise dos pressupostos epistemológicos que guiam o "modelo de ciência" e de "pesquisa", advogado pelo investigador.

— A assunção epistemológica de "sistema aberto" — cujas características são as de ser sensível à interação com outros sistemas e à ação recíproca de seus componentes — permite apreender valo-

res familiares e práticas psicossociais em mudança — objetivos norteadores de uma proposta de intervenção baseada na ecologia das próprias famílias.

— A complexidade e a singularidade das realidades investigadas, mesmo que pareadas quanto a certas variáveis, como os níveis socioeconômico, de instrução e profissional dos pais, exigem adaptações da metodologia, particularmente no que se refere a sugestões de práticas preventivas e de intervenção nesses ambientes.

— As visitas domiciliares — como estratégias de promover a prevenção e a intervenção junto às famílias — são sugeridas no sentido de uma apreensão mais clara de sua ecologia e de oferecerem suporte social a ambientes em que se detectem muitas condições predisponentes a riscos para o desenvolvimento de crianças.'

### **Referências bibliográficas**

BOWLBY, J. *Maternal care and mental health*. Geneva: World Health Organization, 1951.



CHASE-LANSDALE, PL., MOTT, F.L., BROOKS-GUNN, J., PHILLIPS, DA. Children of the national longitudinal survey of youth: a unique research opportunity. *Development Psychology*, v.27, n.6, p.918-931, 1991.

FERREIRA, E.A.P. *Irmãos que cuidam de irmãos na ausência dos pais: um estudo sobre desempenho em tarefas domésticas e a interação entre irmãos*. Brasília, 1993. Dissertação (mestrado) de Universidade de Brasília.

ção (mestrado) de Universidade de Brasília.

GUNTHER, IA. Cuidados alternativos em crianças e seus efeitos no desenvolvimento socioemocional. *Estudos de Psicologia*. 5, n.1, p.74-92, 1988.

MCCARTNEY, K., GALANOPOULOS, A. Child care an attachment: a new frontier the second time around. *American Journal of Orthopsychiatry*, V.58, n.1, p. 16-24, 1988.